

GEOSDEEXP.WORDPRESS.COM: O PROCESSO DE PESQUISA E CRIAÇÃO DE UM BLOG COMO OFICINA

Luiz Guilherme Augsburger – UDESC – luizg.augs@gmail.com
Ana Maria Hoepers Preve – UDESC – anamariapreve@linhalivre.net

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade apresentar uma experiência do grupo de pesquisa “Geografias de experiência”. Trata-se de uma experiência de oficina ou uma oficina experimental. A partir da necessidade de produção de um espaço outro do que aquele de um “site-diagrama” – ou seja, um suporte que produz um espaço estriado na internet, onde as experiências e práticas do grupo eram seccionadas por um sistema axial de organização do material. Este outro espaço seria, então, chamado de “blog-oficina”. Na tentativa de, ao modo das oficinas (menos como um lugar de trabalho e mais como uma prática ou um modo de trabalhar), iniciou-se um processo de percorrer respostas possíveis à necessidade do grupo. O blog-oficina como uma destas respostas possíveis é uma experiência de fuga *no* ciberespaço, em que buscamos produzir um espaço liso, de modo que os processos de pesquisa e prática do grupo possam apresentar-se em seu *phylum* maquínico. Para tanto, utilizamos a estética de “*patchwork*” como uma proposta para fazer este desejo de lugar no ciberespaço algo real. Assim, indo de forma não linear da necessidade à produção, passando pela pesquisa, este texto tenta tornar inteligível e sensível o processo de construção do blog do “geosdeexp.wordpress.com” enquanto uma oficina. Este trabalho então vai não apenas trazer um relato hermético de uma experiência. Ele vai, assim como é comum aos processos das oficinas, fazer rizomas, conectar-se como o “Fora”, fazer dobras, saltos. Mais do que uma inteligibilidade racional, o texto busca tornar hapticamente sensível o processo que levou ao (ainda *work in progress*) blog, geosdeexp.

Palavras-chave: Oficina; *patchwork*; blog.

[A] OFICINA, NÃO TANTO UM LOCAL DE TRABALHO, MAS UMA PRÁTICA EXPERIMENTAL

Difícil seria a tarefa de responder à pergunta “o que é uma oficina?”. Talvez porque se trate, neste caso, de uma falsa questão, ou de uma questão que não seja boa para entender esta oficina... A partir de conexões entre os trabalhos de Guilherme Corrêa (2000), Ana Preve (2010) e Ana Godoy (2015) podemos, então, pensar não em um “que”, e sim em um “como” das oficinas, enquanto questão mais eficiente – como nos sugere Deleuze (2005, p.131) – para compreender do que se tratam as oficinas...

Desde as primeiras experimentações, como estratégia de educação, a “oficina evolui como que para a sua desmaterialização, para um ponto em que dela não seja mais desejável dizer nada. Não mais um sistema identificável, apreensível, avaliável, mas cujos efeitos se fazem sentir na capacidade de desmontar tentativas de docilização para a produção de homens úteis” (CORRÊA; PREVE, 2011, p.196). A oficina, nesse processo de desmaterialização, passa a criar uma área onde “tudo pode acontecer” e...

É exatamente este ‘tudo pode acontecer’ que potencia romper as regras do jogo da produção de conhecimento, ou seja, olhar por onde

não se viu, trazer à luz pontos de vista considerados insignificantes, indesejáveis, tortos, pequenos, mesquinhos, perguntar aquilo para o qual não se tem resposta nem provisória, especular como as coisas chega a ser como são e por que. (PEY, 2000, p.72)

Dentro da educação, tais práticas buscavam “o abandono das intenções de ensinar, de conscientizar, de cumprir programas nacionais de educação, ia fazendo com que qualquer contato com a escola provocasse um certo estranhamento” (CORRÊA, PREVE, 2011, p.198). Elas buscavam constituir um “Fora” do escolar(izante/izado), e neste espaço de Fora estende-se uma educação que acontece de modo a produzir um espaço liso (de experiências livres, lúdicas, nômades...) de conexões rizomáticas entre oficinairos. Extrapolam-se o “lugar educacional” comum e permite-se pensar a educação e a oficina no ciberespaço também.

Usa-se este termo, oficina, para circunscrever um campo mais largo para o seu acontecimento. Nesse momento a oficina tem, por conta de novas questões recolocadas em contexto e situações diferentes, se apresentado também como a possibilidade de guiar uma entrevista, ou ainda... de construir um site. Ela não mais necessita exclusivamente de pessoas para discutir um tema de interesse, ela precisa cada vez mais de uma questão-problema, que, por conseguinte, tem exigido de seus pesquisadores esse movimento. A oficina move-se pelos territórios das ciências nômades (ou move-se à maneira de uma ciência ambulante), em sua carga nomadológica, ela menos traduz a realidade do que a constitui, ela mais inventa problemas e segue problemáticas, do que produz axiomas e reproduz uma ou várias axiomáticas (DELEUZE; GUATTARI, 2008a, p.24-43).

Se trabalhamos com oficinas nessa acepção, quando temos que estruturar uma entrevista, por que não fazer dele também uma oficina? O mesmo para um site, o mesmo para a escrita de um texto, deste texto... Portanto, e nesse sentido, a oficina num dos seus processos de desmaterialização, se abre cada vez mais a uma prática experimental. Experimentam-se situações-problema sempre e com tudo, mesmo que na escrita de um texto: como o leitor pode experimentar o desconforto de certos movimentos do pensamento? Como ele pode experimentar o ir e vir, as quebras, os fluxos, as continuidades e os saltos, as sinapses, as repetições, as lentidões e as velocidades de um movimento que é menos racional ou linear-arborescente do que selvagem-rizomático? [G]¹

A oficina aqui é compreendida, laborada e (re)inventada não tanto como um local de trabalho, mas como uma prática experimental, do mesmo modo que nos aponta Godoy (2015). A oficina – enquanto prática que atravessa os trabalhos do grupo “Geografias de Experiência” – nos pareceu abrir-se como possibilidade para lidar com algumas das demandas internas ao grupo. Ela apresenta-se como possibilidade para tentar ampliar o campo de ação e ressignificar... (gui, 148)... E é imbuídos desta energia que experimentamos a oficina enquanto estratégia para elaboração de um site, de um blog-oficina para o grupo “Geografias de Experiência” [B][D].

[B] BLOG-OFICINA, PERCORRENDO RESPOSTAS POSSÍVEIS

Entre as demandas do grupo, a produção de um “espaço virtual” para o “Geografias de experiências” é, em boa medida, efeito de questionamentos e conversações geradas por um desalinhamento entre as possibilidades presentes na

¹ As letras entre colchetes [] remetem aos blocos-textos que compõe esta experiência de texto-oficina. Cada bloco-texto é identificado com uma letra antes do seu respectivo título. As referências a textos de outros autores estão identificados entre parênteses () segundo norma da ABNT autor-data.

forma-expressão de certos suportes digitais na internet, que chamaremos aqui de “site-diagrama” [C], e alguns desejos e práticas de nosso grupo de pesquisa, no sentido das potências das oficinas [A].

Nos encontros do grupo, diante da inabilidade em darmos corpo às particularidades das práticas realizadas pelo grupo “Geografias de experiência” utilizando-se de sites-diagramas, levantou-se a possibilidade da produção de um “blog”. Entrementes, queríamos um blog enquanto meio capaz de atender à necessidade de pôr em articulação aspectos do grupo que o site-diagrama não atendia e nem teria como função atender. Um espaço outro que desse conta das singularidades de expressão e das variações de força no interior de um grupo heterogêneo – de pessoas, de pesquisas e de matérias. Um espaço que não buscasse concorrer, que não visasse competir, que não tivesse como meta sobrepor-se a outros sítios da internet – que têm cada qual sua importância e uma funcionalidade própria –, pois que atuam em planos distintos. Almejávamos espaços que se somassem e que se potencializassem [E], espaços que pudessem ser compostos em sua diferença e não organizados de modo axial [C]. Este “blog” não era apenas mais um “site”, vários aspectos precisavam estar presentes – e tantos outros precisavam estar ausentes – para que pudesse aí emergir outra coisa que o site-diagrama.

Entre outros elementos estava aquilo que nos atravessa e nos conecta enquanto grupo: as oficinas [A]. Deste elemento tão transversal ao grupo desdobrou-se a ideia de um “blog-oficina”. Isto menos enquanto uma ideia prévia que dever-se-ia aplicar – decalcar no ciberespaço –, do que como um movimento de seguir fluxos [F] – mapas cibernéticos. Diante das perguntas era preciso, ao modo das oficinas, percorrer respostas possíveis, e neste fazer de artefício, neste *phylum* maquínico, o blog foi fazendo-se enquanto oficina... E ainda o está... [G]

[C] SITE-DIAGRAMA

O site-diagrama pareceu-nos inconveniente, pois disseca e atomiza as experiências e as práticas do grupo, na medida em que secciona os fluxos em linhas de captura, faz diagramas: “Home”, “Fotografias”, “Vídeos”, “Mapas”, “Textos”, “Eventos” e estes impedem a apreensão daquilo que nos parecia mais relevante nas pesquisas e nas práticas – seguir fluxos, acompanhar processos...*

Por um lado, estes “eixos temáticos” dão ao site-diagrama uma organicidade que propicia uma navegação tranquila, uma organização que facilita a busca dentro destes eixos, bem como torna mensuráveis certas coisas.

Por outro, entretanto, a lógica axial parece traduzir as experiências rizomáticas do grupo “Geografias de experiência” em relatos radiculares, dados que crescem como árvores, pelos quais é preciso saltar de um galho a outro, de uma árvore a outra, demandando uma prática viral (DELEUZE, GUATTARI*), um devir-macaco para conectar o que antes era parte do mesmo corpo, fluxo da mesma matéria, elemento do mesmo processo [F] e que agora não mais está assim disposto.

O modelo site-diagrama tende a esquartejar os corpos-experiências e torná-los corpos-organizados, classificados em partes anatômicas, segundo estruturas e orientações pré-estabelecidas e mais ou menos rígidas. Ele não impede o devir, nem impede que surjam rizomas, todavia, buscávamos (e ainda buscamos) locais para pequenas florações de saber, em que não fossem produzidos efeitos escolarizantes, onde se pudesse “abrir espaço para o desconhecido, reduzir o investimento na segurança do mesmo, não cultivar esperanças que fazem esperar e que consolam.” (CORRÊA, PREVE, 2011, p.197)...

Nossas necessidades de coletivo também nos levam a buscar outro lugar, um lugar para outras práticas... [D]

[D] **BLOG-OFICINA, UMA EXPERIÊNCIA DE FUGA NO CIBERESPAÇO**

Se o site-diagrama [C] parece, em certa medida, não apontar (quase) nenhuma saída para nossos anseios de artesãos [A], se parece não ser o suporte mais profícuo para algumas das experimentações e movimentos do grupo “Geografias de experiências”, não pretendemos cometer o “grande erro” negando o ciberespaço:

“O grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 62).

O blog-oficina [B], neste ínterim, emergiu muito mais como uma possibilidade de experimentar, de fazer oficina. Era preciso então não tanto fugir *do* ciberespaço, e sim traçar fugas *no* ciberespaço – experimentar nele, com ele...

Não se trata, assim, de negar ou opor formas e lugares, mas antes de torná-los mais móveis, mais convidativos ao deslocamento, mais propício ao devir-artesão e a aquilo que ele (per)segue. E, enquanto artesãos, perseguimos senão uma prática de elaboração e reelaboração do grupo, das práticas (oficinas) [A], das sensibilidades, da percepção háptica [F] aos fluxos, às matérias com que trabalhamos. Persequimos neste outro espaço, neste ciberespaço, a criação de um lugar que dê conta de captar e expressar certas singularidades do processo de pesquisa do grupo, que seja capaz de viabilizar a continuação do *phylum* maqínico que buscamos nas oficinas.

Buscamos por um – e fugimos em um – suporte no ciberespaço que permita desdobrar e redobra a prática das oficinas sobre o próprio grupo, sobre o próprio processo de elaboração deste “lugar” do grupo – que passou a chamar-se geosdeexp... Seguir a “desmaterialização das oficinas” (CORRÊA, PREVE, 2011) [A]

Corrêa e Preve (2011, p.200) dizem: “a oficina privilegia o estudo”, e com esta dica começamos a estudar pistas que indicassem possibilidades... Dentre as ferramentas que buscamos em nossas pesquisas, queríamos o suporte não só de um “blog” enquanto forma genérica – que poderia muito bem se materializar em um site-diagrama... Queríamos algo mais potente, e foi olhando para nossas experimentações e pesquisas já realizadas, bem como realizando novas experimentações e pesquisas que chegamos ao “*wordpress*” enquanto suporte digital com uma abertura à experimentação [G].

Este suporte nos apresentou certo grau de inventividade (tão característico das práticas de oficina que atravessam as pesquisas do grupo) e certo grau de (re)conectividade (que nos levava ao encontro de rizomas) que buscamos, não se tratava (nem se trata) de uma certeza, mas de possibilidades, indefinições e aberturas nas quais se pode seguir fluxos e fazer conexões...

Desta feita, o blog-oficina poderia ganhar formas muito mais moveis e adequar-se às necessidades específicas do grupo e do leitor do “geosdeexp” [G]. Ele poderia conectar-se com outros domínios [H] ou remeter a outros planos de si mesmo², poderia ser modelado e remodelado em diferentes configurações de *patchworks* [E].

[E] **PATCHWORK, UMA PROPOSTA**

² Cf. nota de rodapé 1, *infra*, página 2

Enquanto modelo tecnológico ou esquema-ciberspacial, o site-diagrama [C] é construído por uma ou muitas mãos, como um bordado que costura um espaço estriado (DELEUZE; GUATTARI, 2008b, p.181). O blog-oficina [B], por sua vez, é pensado e fabricado enquanto uma “colcha de retalhos, o *patchwork*, com seu pedaço por pedaço, seus acréscimos de tecido sucessivos e infinitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2008b, p.182), sem um motivo central – nem vários motivos centrais – que alinhe e alinhavos os conteúdos numa trama cadenciada e orgânica.

Não raro, “o bordado pode ser extraordinariamente complexo, nas suas variáveis e constantes, nos seus fixos e móveis. O *patchwork*, por sua vez, pode apresentar equivalentes de tema, de simetria, de ressonância que o aproximam do bordado” (DELEUZE; GUATTARI, 2008b, p.198). Entretanto, no *patchwork* o espaço não se reduz ao modo de constituição do bordado, ele não faz mais que se “aproximar” do bordado, pois está sempre escapando às generalizações estéticas e estruturais, às diagramações do poder que fazem parte da lógica do bordado.

O *patchwork* sempre se abre ao agenciamento do desejo – não enquanto uma trama natural, mas em sua artificialidade de costuras e atravessamentos, de heterogêneos em composição de espaços lisos. Ele permite e tende a escapar aos processos de esquadramento e homogeneização, próprios do espaço estriado, com muito mais vitalidade e facilidade.

Como esta “colcha de retalhos”, o blog-oficina não possui centro (“Home”, “Página principal” etc.); nem motivos de base, blocos-temas (“Fotografias”, “Vídeos”, “Mapas”, “Textos”, “Eventos” etc.) que lhe dariam uma unidade [C]. A proposta do blog-oficina se diferencia das harmonias do bordado, ele constitui-se em um “*crazy patchwork*, que ajusta vários pedaços de tamanho, forma e cor variáveis, e que joga com a *textura* dos tecidos” (DELEUZE; GUATTARI, 2008b, p.182, grifos do autor).

Não se trata, todavia, neste movimento, de localizar a culpa de/em algo ou alguém, ou ainda de reduzir-se a modelos ou a esquemas pré-figurados, nem mesmo de excluir possibilidades e/ou suportes. Trata-se muito mais de buscar um suporte digital que viabilize “uma coleção amorfa de pedaços justapostos, cuja junção pode ser feita de infinitas maneiras” (DELEUZE; GUATTARI, 2008b, p.182).

O espaço liso que tentamos criar no blog-oficina não está, como no site-diagrama, na homogeneização (o que é próprio do espaço estriado) do campo de navegação, e sim na busca de uma espécie de amorfismo, de uma *op’art* de ciberconexões [H].

Isto, entretanto, isto diz respeito ao *nosso* modo de fazer, à *nossas* buscas, ao *nosso* movimento enquanto coletivo de experiências [D]. Não diz respeito a fatalismos formais, oposições binárias, fórmulas de costura, rotas de navegações obrigatórias, sulcos na terra ou modelos de trabalhos... Um blog-oficina para oficineiros... Um site-diagrama para as diagramações...

O desejo do grupo com a experiência do blog-oficina é menos de organizar seções e dispor em classificações mais ou menos padrões para tornar rápidos e práticos o acesso e a utilização do material das pesquisas. O desejo do grupo é mais dar vida aos trajetos que sustentam os trabalhos, aos processos em que foram elaborados, aos fluxos que seguimos, aos rizomas que nossas práticas estabelecem entre si (como uma pesquisa se conecta a outra e essa se conecta a um artigo e este a uma oficina e...) e entre as diferentes materialidades de cada prática (como se vai do texto ao mapa à fotografia ao evento...). Um espaço aberto, que permita adicionar não só o mesmo (*upload* de vídeo, *upload* de imagem, *upload* de...), mas dar abertura ao outro – abrir-se para outras formas de expressão e conexão...

[F] *PHYLUM* MAQUÍNICO, A CONSTRUÇÃO DO BLOG ENQUANTO OFICINA

É nesta abertura à experimentação que reside outra necessidade do “Geografias de experiência”: a noção de “*phylum* maquínico” (DELEUZE; GUATTARI, 2008a). É uma questão de abrir-se às necessidades da matéria-força com que se trabalha, seguir os fluxos em vez de reproduzir formas [A].

Essa característica de sensibilidade “háptica” – uma sensibilidade proximal, do toque, e não uma relação “óptica”, ou seja, distal, do olhar – é trazida pelas práticas das oficinas. Nestas está presente um “fazer que demandava um cuidado especial, indissociável não somente de uma sensibilidade aos diferentes materiais que diferentes artes e ofícios envolviam, mas às variações às quais eram suscetíveis” (GODOY, 2015). Era preciso, para tanto, um suporte cibernético em que houvesse não a garantia – não se trata de uma questão de segurança, pois esta é uma questão de estado (DELEUZE; GUATTARI, 2008a), não a garantia. Porém, ao menos, a possibilidade de levar a oficina e a prática do artesão, que “segue a matéria em movimento, em fluxo, em variação, como portadora de singularidades e traços de expressão” (DELEUZE apud GODOY, 2015 p.2), a este outro espaço de forma-expressão.

Assim como uma prática do artesão sobre si mesmo, no caso da elaboração do blog é uma experiência do oficineiro que se dobra sobre ele e não somente (e mormente) sobre aqueles que participam da oficina. Quando a oficina se desintegra [A] é, outrossim, o próprio artesão que se torna o material (ou parte dele, quando se trata de um agenciamento de elementos heterogêneos) do *phylum* maquínico.

Entretanto, afinal... O que seria esse “material”? No Livro das sonoridades [H] encontramos a indicação de que o material “é aquilo que está à mão, e do que, não se sabe bem porque, se gosta e retorna como gesto [...]. [Trata-se daquilo que] já está atravessado de relações, um ponto de cruzamento mutante, instável” (Ferraz, 2005, p. 89).

É nesta perspectiva de material, é a partir destes apontamentos de atitude do artesão que compomos alguns movimentos: a dobra da oficina sobre o próprio oficineiro enquanto material; a oficina como prática que segue os fluxos da matéria, mais do que reproduz formas na matéria; a constituição do blog-oficina a partir da ideia de *phylum* maquínico e da sensibilidade háptica para com os materiais que compõem o “geosdeexp”.

[G] DA NECESSIDADE À PESQUISA À PRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de três movimentos não-lineares, ao mesmo tempo simultâneos e encadeados. Movimentos rizomáticos que ora apareciam mais ou menos em série, ora sobrepunham-se, ora misturavam-se de modo a serem “quase-um”. Esquemáticamente poderíamos separá-los em: necessidade, pesquisa, produção. Todavia, no processo elaboração eles se emaranharam e ainda continuam a se entrelaçar e a mover-nos.... A partir da necessidade do grupo de fazer no ciberespaço um “*phylum* maquínico” (DELEUZE; GUATTARI, 2008a) para trabalhar com as matérias-forças e as singularidades de expressão que o grupo dispunha, levantou-se a possibilidade de produzir um espaço que permitisse tais práticas de artesão. Entretanto não era apenas o lugar do artesão (oficina) que buscávamos, e sim uma prática de artesão (oficina), um modo de fazer que seguisse fluxos e não que reproduzisse formas (DELEUZE; GUATTARI, 2008a) [A].

Corrêa e Preve (2011, p.200) dizem: “a oficina privilegia o estudo”, e com esta dica de por onde começar começamos a estudar pistas que indicassem saídas... De início a “Revista Carbono” (revistacarbono.com) foi trazida como um site que continha elementos interessantes, os quais poderíamos roubar para compor este outro lugar no ciberespaço [I – imagem 5]. A Revista Carbono apresenta um *layout* simples em que os artigos da última edição, em formato de pequenos quadrados (retalhos), são arranjados em linhas e colunas de modo a formar uma figura maior (uma colcha). Este formato da revista assemelha-se à técnica de *patchwork*... É justamente esta “proposta” de *patchwork* que buscamos usar para compor o blog do grupo “Geografias de experiência”. Outro elemento desta proposta, é que os pequenos retalhos, por sua vez, em um clique, levam-nos a outros planos da revista, no qual são agenciados diferentes tipos de materiais – imagens, mapas, textos, hipertextos, links, vídeos etc.... Não era apenas a “forma” de colcha de retalhos que nos interessava, mas a capacidade de agenciar elementos heterogêneos de modo que estes criassem blocos de expressão que dessem conta da matéria com a qual trabalhávamos, que permitissem ao leitor navegar nos fluxos das pesquisas e das práticas do grupo. Queríamos, em vez de recortar as práticas do grupo em seções maquinicas-industriais (produção serializada, *standard*, classificatória), seguir o *phylum* das matérias com que trabalhamos, manter sensível o processo das oficinas e as heterogeneidades que elas agenciam. Assim, esta hipertextualidade e variabilidade de atravessamentos pareceu-nos interessante. Na busca desta ferramenta, encontramos o “Wordpress” como um lugar de construção de blogs/sites aberto a experimentações – um pouco de pesquisa, alguns tutoriais e vídeos no Youtube nos permitiu reelaborar a estrutura, mexer no código-fonte e dar ao blog uma materialidade próxima do que buscamos [I – imagens 2 e 3]. Outro aspecto interessante que encontramos nesta ferramenta foram as conexões rizomáticas que eram possíveis não só pela hipertextualidade de links internos aos textos, porém às “categorias” e “tags” que se pode adicionar às postagens no blog. Deste modo, não se possui apenas o *patchwork* “inicial”, haja vista que é possível recombinar, selecionar e compor outras colchas de retalhos nas quais outros caminhos, outros fluxos, outras dinâmicas de exploração do trabalho do grupo são propiciadas [I – imagens 2 e 4]. Não só o fluxo do grupo é possível de ser seguido, o leitor também, como um artesão, pode seguir o *phylum* maquinico que ele encontra na materialidade do blog. O blog é, desta feita, um duplo movimento de “oficina”: um na sua elaboração pelo grupo – que, como as oficinas, está sempre em movimento e em reelaboração – e outro em sua exploração por parte daquele que navega no “geosdeexp” (geosdeexp.wordpress.com) [I – imagem 1].

[H] REFERÊNCIAS

CORREA, Guilherme Carlos. Oficina: Novos territórios em Educação. In. PEY, Maria Oly. **Pedagogia libertária: experiências hoje**. São Paulo, SP: Editora Imaginária, 2000.

CORRÊA, Guilherme Carlos; PREVE, Ana Maria Hoepers. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividade, biopolítica e fugas. **REU**, Sorocaba, SP, v. 37, n. 2, p. 181-202, dez. 2011.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos: Textos e entrevistas (1953-1974)**. Organizador da edição brasileira e revisor técnico: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, SP: Editora Iluminuras, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. 12. 1227 – Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In. _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2008a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. 14. 1440 – O Liso e o Estriado. In. _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2008b.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FERRAZ, Silvio. **Livro das Sonoridades** [notas dispersas sobre composição]. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

GODOY, Ana. **Oficinas experimentais**, Disponível em. Acesso em: 1 de agosto de 2015.

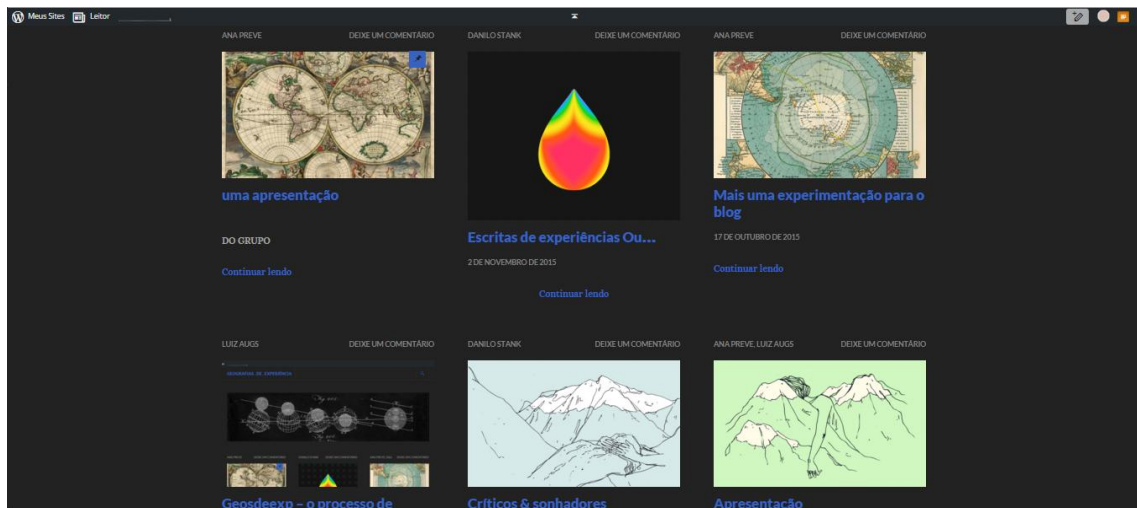
PEY, Maria Oly. **Pedagogia libertária: experiências hoje**. São Paulo, SP: Editora Imaginária, 2000.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação**. Campinas, SP: [s.n], 2010.

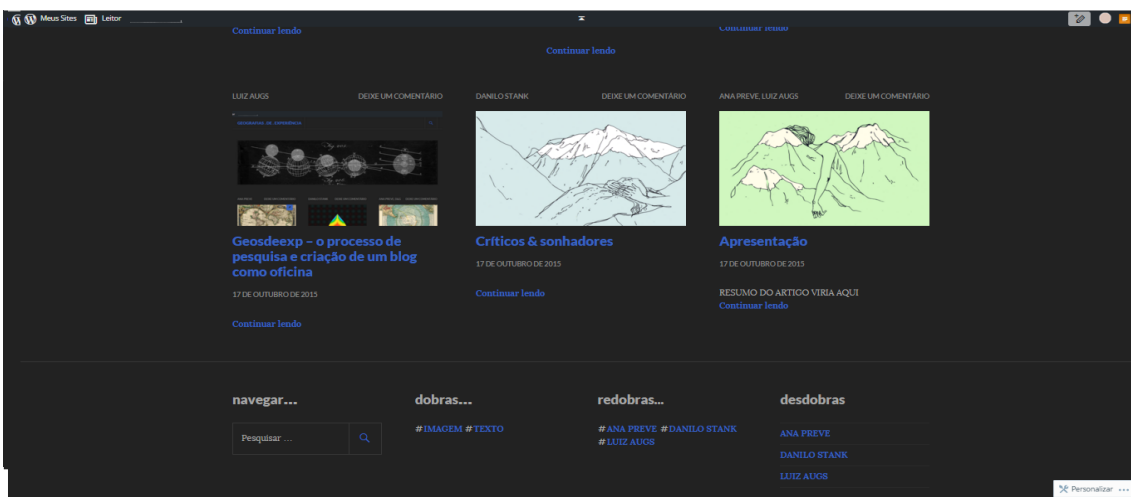
[I] IMAGENS



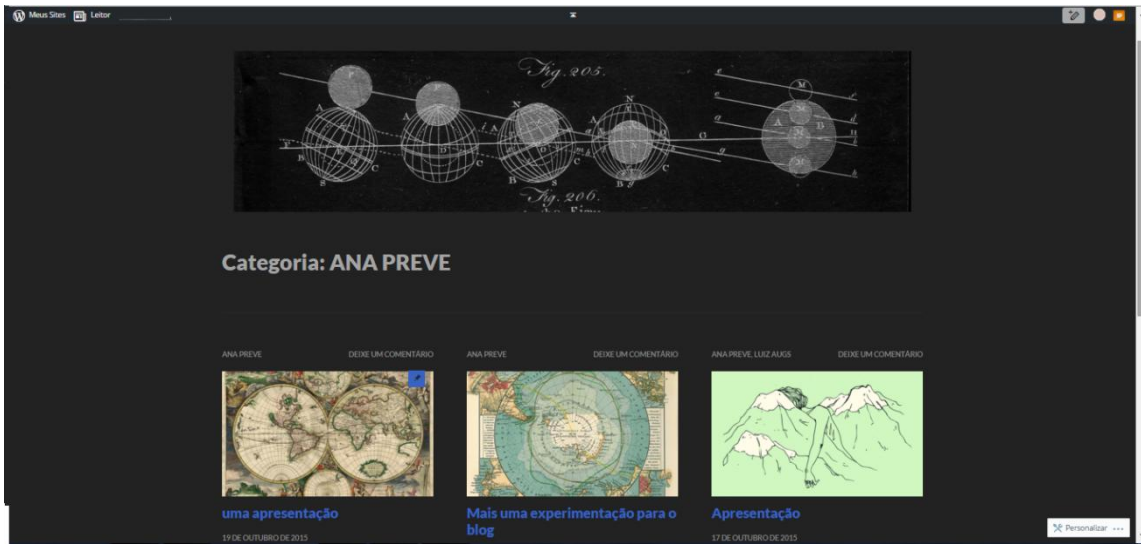
(Imagem 1 – cabeçalho do blog-oficina geosdeexp.wordpress.com)



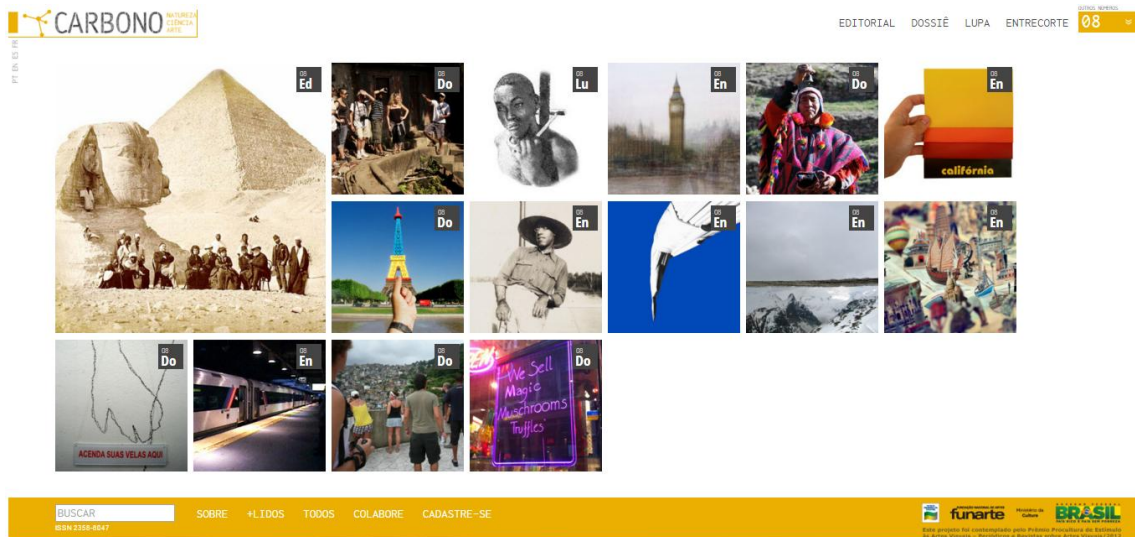
(Imagem 2 – detalhe do blog geosdeexp.wordpress.com)



(Imagem 3 – detalhe do blog geosdeexp.wordpress.com)



(Imagem 4 – detalhe do blog geosdeexp.wordpress.com)



(Imagem 5 – página inicial da Revista Carbono)